



Culturas

Teatro & Dança

As meninas

Com a música e a palavra, Filipe Raposo e Ricardo Neves-Neves recriam o universo mágico da infância e primeira juventude de três meninas — ou serão seis?

TEXTO JOÃO CARNEIRO

Como referia Filipe Raposo numa conversa sobre este espetáculo, o trabalho de Ricardo Neves-Neves, além de, com frequência, incluir música, é todo ele guiado por uma dimensão rítmica e melódica inerente ao próprio discurso dramático, a uma palavra que não tem de ser especificamente musical; é a linguagem, em geral, que se sustenta naquela dimensão. Não seria de admirar, dadas estas características, que surgisse a colaboração de um músico, compositor e instrumentista — Filipe Raposo — com um escritor, dramaturgo e encenador para quem a música compartilha do universo de sons, de palavras e de sentidos

em que habitualmente se move e no qual cria.

“Banda Sonora” conta ainda com a colaboração de outros músicos — João Henriques no trabalho de preparação vocal das atrizes, Sérgio Delgado na sonoplastia e desenho de som, Cesário Costa como maestro — e com a Orquestra Metropolitana. E, além de outros intervenientes na equipa técnico-artística, existem as atrizes: Joana Campelo e Márcia Cardoso são ‘Pequenina’, 8 anos; Ana Valentim e Rita Cruz são ‘Média’, 12 anos; Sílvia Figueiredo e Tânia Alves são ‘Grande’, 15 anos. Ou seja, cada personagem — ‘Pequenina’, ‘Média’ e ‘Grande’ — é representada por duas atrizes, tal como na versão longínqua do

rimbaldiano “Je est un autre”, em risco de resvalar para uma ‘pequena rebaldaria’ que tem como pano de fundo a floresta, lugar de contos infantis, de encantamentos, errância e, eventualmente, morte. E trata-se de uma ação com estrita unidade de tempo — um dia, de manhã até à noite. Morte. Fim.

Mas há muitas canções. Elas são, aliás, um dos núcleos mais importantes da estrutura dramático-narrativa do espetáculo. Reforçam, insistem, intensificam expressões, ideias, sentimentos. O universo é o da infância, entre os 8 e os 15 anos; a linha de separação entre o bem e a mal é muito ténue; a linha de separação entre a vida e a morte também.

Assim, depois de uma introdução orquestral, com as três meninas na floresta, temos direito à alegria da manhã, ao véu da Virgem Maria, a passarinhos, a canções (claro...) e às pequenas delícias da fantasia infanto-juvenil — “dei com um pauzinho” (“no meu passarinho”), “vou ter de o castigar”, “cortar-lhe as asas bem rente”, “que sorte a do animal” (podia ser pior), e por aí fora, o dia ainda vai longo. Há restos de sonhos (“comi um braço”), memórias de um tempo em que “matei um cão”, enfim, as crianças são por vezes difíceis, quando não um nadinha cruéis; felizmente, tudo passa quando se chega à idade adulta.

Coisa que não vai acontecer a estas meninas. Vão aprender a fumar, muito cedo também — mas quem não aprendeu? As mais velhas ensinam as mais novas, com dedicação e pormenor (“fuma/ em frente ao espelho”), e a conclusão lógica é só uma: “para uma mulher/ é muito feminino/ e elegante/ manter o cigarro/ num ângulo de 90 graus”. Catherine Deneuve não diria (nem faria) melhor. Vão aprender a dissecar sapos, no contexto de uma lição sobre a necessidade de abrir coisas para lhes conhecer bem o interior, assim como a matá-los (os sapos, ou outros animais, *for that matter*), batendo com eles contra a parede ou no tampo de uma mesa. E o dia destas simpáticas garotas passa-se assim em folguedos e aprendizagem, música e canções, num programa de ocasional inspiração aristotélica — “aprender é agradável”.

Mas o dia declina, e com o anoitecer vem a melancolia, que precede sempre o final das coisas boas. Adeus canções, adeus sons, ecos e árvores da floresta; adeus crianças. Chegou o escuro. ●

BANDA SONORA

De Filipe Raposo e Ricardo Neves-Neves
São Luiz Teatro Municipal,
Lisboa, até dia 18



Joana Campelo e Márcia Cardoso são ‘Pequenina’ em “Banda Sonora”

ALÍPIO PADILHA